

Ali plantei os meus melhores sonhos

Deoclecia Amorelli Dias¹

A Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais festeja seus 120 anos de existência. Justa a homenagem a quem é fonte perene de saber jurídico.

É vetusta a instituição de ensino do Direito, mas tem ares de modernidade. Caminha em passos firmes, comprometida com a formação superior e de excelência, voltada para a ampliação da cidadania e para a preservação da dignidade humana.

A Escola de Direito é *alma mater*, refúgio e acolhimento. De fato, foi essa a minha primeira e nunca perdida impressão. Não me esqueço, quando na década de 60 cheguei e vi com o coração disparado e os olhos de encanto o prédio com traços modernistas, a rampa em caracol, os bustos de bronze por quase todos os cantos, o quadro gigantesco, no auditório, que retrata a figura imponente de Afonso Pena, os elevadores e suas filas “arrasa quarteirão”, os milhares de livros na biblioteca espaçosa, onde sempre o mesmo estudante, moço sério de óculos de fundo de garrafa, lá estava, e as centenas de estudantes em ir e vir

¹ Graduada pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Desembargadora-Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Terceira Região

pelos corredores, pelas salas de aula e em paparcos na cantina, no bandejão e em rodinhas na porta da Faculdade.

Descubro que as memórias do meu passado estão vivas porque moram no campo da gratidão e da ternura, e nesse espaço o antigo se faz presente em lembranças que são eternas e que sobrevivem numa parte da minha alma que se chama saudade.

Saudades do DAJ, do CAAP, dos funcionários e principalmente dos colegas, que dos bancos escolares se transformaram em verdadeiros companheiros de uma nova vida, que se fazia festiva até em dias sombrios. Das dores e opressões nem sempre os gritos foram ouvidos, mas nas paredes ficaram os registros de vários destemidos, que na bravura se agigantaram na luta pela liberdade. Saudades dos olhos meninos com tantos medos e incertezas, mas que aprendiam que são múltiplas as estações de espera.

Saudades da liberdade compartilhada entre colegas, que não censuravam se alguém acreditava em girassol crescendo na sombra ou no sol amanhecendo no poente. Saudades dos cadernos de anotações em que se rascunhava a cada letra pequenas esperanças, reti-

rando das reticências, das interrogações e das exclamações a crença de que o mundo seria sempre e sempre melhor. E nas mexidas do coração foram tantos que não precisaram de juras para selar o amor encontrado.

Saudades do dia-a-dia da Faculdade do qual sobravam protagonistas e espectadores que rascunhavam vários “causos” à moda antiga, fazendo com que a alegria trouxesse leveza nos dias das notas baixas, nas difíceis provas de avaliação. Baldes de água vindo do quarto andar e o Professor Lídio Bandeira de Melo entrando no prédio com seu guarda-chuva aberto! Saudades!

Saudades dos professores, ora encantadores, ora aterrorizadores. Paulo Neves de Carvalho, com seus desenhos no quadro negro para mostrar a responsabilidade civil do Estado, quando o cidadão, representado por um “bonequinho”, era surpreendido na via pública por um buraco e se acidentava. Messias Pereira Donato e seu contrato de trabalho na *rescisão*, na *resolução* e na *resilição*, e nós, olhos compridos, na tentativa de entender a diferença. Celso Agrícola Barbi, sempre elegante, com seus ternos de linho e nós com os mesmos olhos assimilando a *intimação*, a *citação* e

a *notificação!!!* Wilson Melo da Silva, invocando o boi de Uberaba, ministrava aula sobre vício redibitório: “Fazendeiro comprou um reprodutor em Uberaba. Na hora H, o boi não dá no couro. *Quid juris?* Vício redibitório na coisa”. Jair Leonardo Lopes e seu *Nelson Hungria*. Oswaldo Pataro com a morbidez da Medicina Legal. Saudades de Marcus Afonso de Souza, Edgar Amorim, Celso Cordeiro Machado, Milton Fernandes, Osíris Rocha, Adriano Andrade, cada um a seu modo.

E foram eles que abriram portas para a descoberta de um novo mundo. Na lição bem dada dos caros mestres, o apreender e o refletir eram necessários na aceitação de novas ideias e comportamentos, na acolhida de novos valores e paradigmas, bem como na busca constante de interpretações críticas, florescendo, assim, uma nova consciência.

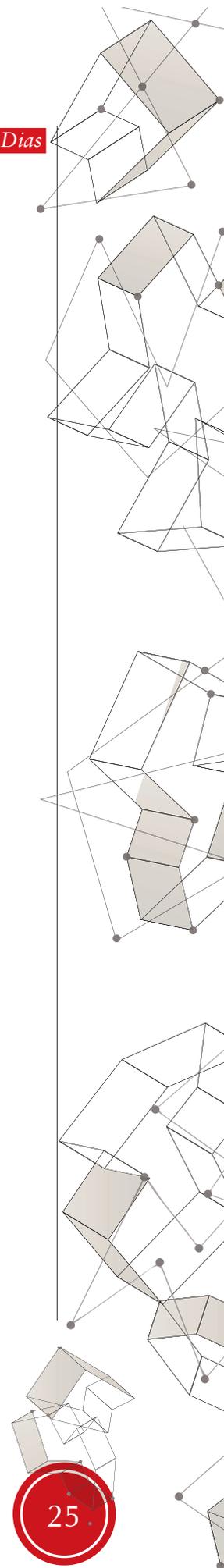
Na Faculdade de Direito da UFMG, legiões de alunos obtiveram seu Bacharelado, seu título de Mestre ou de Doutor. Jovens que se fizeram grandes e se espalharam mundo afora. Portanto, não é lugar-comum afirmar que a Escola de Direito é fruto do pioneirismo e do trabalho dedicado de tantas pessoas especiais. A Casa de Afonso Pena acolheu

e preparou muitas das tantas personalidades influentes no meio jurídico, social e político do país.

Dentre outros, Afonso Pena, Milton Campos, Benedito Valadares, Gustavo Capanema, Tancredo Neves, Caio Mário da Silva Pereira, Sepúlveda Pertence, Carlos Mário da Silva Velloso, Paulo Emílio Ribeiro de Vilhena, Antonio Álvares da Silva, Aroldo Plínio Gonçalves (o moço sério de óculos de fundo de garrafa), Antonio Augusto Anastasia, Carlos Alberto Reis de Paula e Alice Monteiro de Barros.

Uma pausa. Carlos e Alice, companheiros do mesmo banco, na mesma sala. Alice, sempre solar, era a alegria da rapaziada. Carlos, circunspecto, calado, parceiro nesses modos de outro colega da turma, de cabelos encaracolados, que anos depois nos encantava com o seu *Coração de Estudante* e a sua *Travessia*.

Por todo o vivenciado, a Faculdade de Direito está nos meus registros mais importantes. E nos tempos atuais, esta Casa continua a ser celeiro de talentos preparando advogados, magistrados, professores, procuradores, promotores, defensores, serventuários e, sobretudo, cidadãos, possibilitando-lhes a aquisição e a compreensão de princí-



pios éticos e de responsabilidade social inerentes à atuação compromissada com o aprimoramento da coletividade.

Do passado e das lutas que marcaram a Faculdade de Direito, sou testemunha de sua perenidade. Sei que Deus é o jardineiro supremo, mas foi na Escola que me ofertaram as aulas sagradas do bem semear. As lições magnas e os exemplos dignificantes que ali recebi foram o passo a passo não só para compreender o Direito, mas para o fortalecimento dos embates do meu cotidiano exercitado. Tive assim plena consciência do caminho a ser percorrido entre o ponto de partida assinalado

pelos anos do curso de Bacharelado e o ponto provisório de chegada da carreira profissional.

Sempre soube que aprender leva tempo e, por isso, a caminhada nem sempre foi a passos largos. O percurso teve seus atropelos e nem sei se posso marcar hora e lugar para pisar no futuro. O que importa é que hoje não sou apenas uma ex-aluna ou mera espectadora de tantas histórias, mas parte do novo e do antigo que se fazem presentes neste momento de festa. E posso, com alegria, manifestar a minha gratidão e as minhas homenagens à velha Casa de Afonso Pena, pois foi ali que plantei os meus melhores sonhos.